

# O encontro de forças: a participação das mulheres no movimento negro brasileiro

Apesar das conhecidas adversidades e das idiossincrasias intergrupais - e ao contrário das previsões pessimistas da intelectualidade dos períodos pré e pós-Abolição -, um olhar mais aprofundado sobre os processos sociais faz emergir uma pluralidade de sujeitos e cenários que consolidaram o movimento negro no Brasil do século XX.

Ao longo das décadas novecentistas foram criadas inumeráveis organizações negras nas diferentes regiões do país. Surgiram instituições e entidades que representaram um porto seguro para a valorização e afirmação das identidades afro-brasileiras, assim como agrupamentos e militâncias de homens e mulheres que, de geração em geração, vêm fortalecendo a população negra em suas múltiplas e legítimas reivindicações e posicionamentos.

Pode-se afirmar que os candomblés, os quilombos, as irmandades e as diferentes expressões culturais foram importantes núcleos de mobilização sociopolítica no decorrer da história. Entretanto, somente a partir do século XIX novos mecanismos de articulação seriam incorporados ao cotidiano da população negra, em especial a imprensa, os clubes recreativos e as organizações políticas e culturais que funcionaram como pólos aglutinadores dos afro-descendentes.

Em 1833 foi fundado no Rio de Janeiro, *O Homem de Cor*, considerado o primeiro órgão do que se convencionou chamar de imprensa negra brasileira. Desencadeou-se a partir de então o nascimento de diversos jornais e periódicos com o propósito de fortalecer o movimento abolicionista,

- Formatado:** Espaçamento entre linhas: 1,5 linha, A entrelinhas: 0,53 cm, A esquerda
- Excluído:** n
- Formatado:** Realce
- Excluído:** materializaram ao longo dos tempos
- Excluído:** n
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)
- Formatado:** Fonte: (Padrão) A Garamond-Pro-Regular, 12 pt, Cor da fonte: Preto, Português (Brasil)
- Excluído:** ¶ Irresumível história das organizações negras torna-se um horizonte providencial para a reconstrução e afirmação de identidades, além de dar voz à população afro-descendente na busca pelos direitos de cidadania. Ainda que boa parte dos papéis desempenhados pelas mulheres tenha tido pouca visibilidade, é inegável a importância de suas presenças no desenrolar dessa luta. ¶
- Excluído:** a formação de
- Excluído:** grandes focos
- Excluído:** ao longo

e que já esboçavam também uma preocupação com a escolarização da comunidade negra em todo país.

Sentidos em toda parte, os protagonismos afro-brasileiros foram condensados por iniciativas como a da Sociedade de Dança e Beneficência Floresta Aurora, fundada por operários negros de Porto Alegre, em 1872. Com finalidade inicialmente assistencialista, a agremiação ampliou-se em espaços de lazer e conagração. Ainda hoje, "O Floresta" - como é carinhosamente chamado - conta com dois mil sócios que mantêm viva essa história centenária de resistência.

Na passagem do século XIX para o XX, surgiram no Nordeste brasileiro diversos clubes recreativos fundados por negros e negras. Em Recife destacou-se o Clube das Vassourinhas e o Clube das Pás Douradas. Em Salvador a Embaixada Africana e os Pandengos da África.

Representando o principal veículo de integração entre os grupos de diferentes estados, os jornais traziam inicialmente, em suas páginas, notas de cunho social e cultural. Aos poucos foram se transformando num canal de comunicação e mobilização política em torno da educação, da inserção no mercado de trabalho e de combate a segregação racial.

Pelotas testemunhou múltiplas formas de articulação e integração da comunidade negra local. Cabe lembrar que, em 1892, era publicado o jornal *O Exemplo*, que, ao longo de 140 edições, estampava em suas colunas denúncias e reivindicações em torno da garantia do exercício de cidadania por parte dos afro-brasileiros. Foi também nessa cidade que, com o lançamento do periódico *A Alvorada*, em 1907, as mulheres negras começam a publicar suas ideias. Nos 20 anos de existência do *Alvorada*, elas foram defensoras árduas de políticas educacionais voltadas para crianças e adultos afro-descendentes.

Excluído: contra

OK

A imprensa negra consolidou-se de fato no estado de São Paulo a partir da década de 1910, sendo editado: *O Bandeirante* (1910); *O Menelick* e *Princesa do Oeste* (1914); *A União* e *O Alfinete* (1918); *A Protetora*, *O Getúlio* e *A Liberdade* (1919), entre outros. Ainda em São Paulo, o compromisso com a educação negra foi reiterado pela fundação do Centro Cívico Palmares, em 1920. Inicialmente a proposta da entidade, bastante audaciosa para a época, era a criação de uma biblioteca só para negros. Entretanto, o clima de preconceito racial latente alterou o rumo da instituição, que se envolveu na luta direta, chegando a promover uma campanha de sucesso contra os ditames de um chefe de polícia que exigia a brancura da pele como requisito para o ingresso na Guarda Civil.

O dinamismo do Centro Cívico Palmares iria impulsionar o surgimento, em 1924, do mais importante canal de comunicação negra do período, *O Clarim*, e também, em 16 de setembro de 1931, a criação da Frente Negra Brasileira o maior movimento político de massa da comunidade afro-descendente no país. *O Clarim*, mais tarde denominado *O Clarim d'Alvorada*, esboçava em suas manchetes a preocupação com a massiva entrada de imigrantes em São Paulo, fator que alijava os negros do mercado de trabalho. O clamor pela maior participação afro-descendente na sociedade era pela primeira vez claramente impresso. O jornal inaugurou uma nova matriz de pensamento: seus textos - fundamentados no resgate da memória das lutas ancestrais - buscavam, na história nacional e internacional, personagens negros cujas trajetórias heróicas haviam incentivado a continuidade das lutas e o fomento da igualdade racial. Outra importante mudança efetuada pelo *Clarim* foi a substituição do "vazio e usado homem de cor" pelo termo "negro".

É importante registrar ainda que na mesma época nasceram outros jornais paulistas: *O Kosmos* e *Elite* (1924); *O Auriverde* (1928); *O Progresso* (1932),

entre tantos publicados em outras regiões do país. Boa parte deles estava vinculada a clubes e agremiações nas quais a participação feminina se evidenciava na promoção de festas e em concursos de beleza realizados em prol da valorização da estética negra.

O jornal *A Voz da Raça* foi o principal veículo de comunicação da Frente Negra Brasileira. Diante das condições históricas impostas naquele momento, expressava a recusa sistemática ao ideal de branqueamento através de mecanismos de positividade da negritude. A Frente Negra alcançou um número de simpatizantes jamais superado, e somente no estado de São Paulo contava com cerca de seis mil membros efetivos. Rompendo as fronteiras regionais chegou ao Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Seguindo uma linha nacionalista em defesa da pátria, família e da raça surgiu o lema frentenegrino "congregar, educar e orientar". Nesses termos ressaltava-se o incentivo ao casamento e à preservação familiar como formas de vencer as desvantagens sociais impostas aos negros. A Frente Negra estava estruturada em vários departamentos (educação, esporte, música, lazer e cultura) e dedicava-se a iniciativas como a manutenção das bibliotecas de bairro, aulas de alfabetização, de técnicas para serviços domésticos e de inglês.

No interior da Frente Negra, as questões ligadas à participação social das mulheres despertavam uma atenção constante, especialmente pelo importante papel desempenhado por elas. O curso de alfabetização era conhecido como "Educação moral e cívica", e nele a mobilização voluntária das professoras foi determinante para transformá-lo em verdadeira escola. As mestras deslocavam-se entre os diversos bairros da capital e do interior do estado de São Paulo. Dentre elas destacaram-se Celina Campos -

Excluído: evidenciada

Formatado: Realce

Formatado: Realce

Excluído: Pernambuco,

Formatado: Realce

Excluído: à participação

Formatado: Realce

Excluído: preocupação

Formatado: Realce

Excluído: participação

Excluído: um marco fundamental

Formatado: Fonte: Não Negrito

Excluído: e,  
Excluído: suspensão  
Excluído: foi

Excluído: e  
Excluído: a  
Formatado: Realce

d'Alvorada não teve condições para continuar circulando, mas o grupo, máquinas e jogando estantes e livros pela janela. Depois disso, o Clarim fretenegritos invadiram e depredaram a sede do Clarim, quebrando gota d'água para a discórdia foi o episódio do "empastelamento", quando os divergências políticas em torno da aprovação do estatuto fretenegrino. A Clarim d'Alvorada. A luta entre a Frente e o Clarim teve início com Socialista. Nova dissidência - a mais conhecida - foi a dos socialistas do Legião culminou com a saída de outro grupo, que formou a Frente Negra descontentamento com a tendência monarquista de um dos líderes da militantes fundou a Legião Negra e aderiu à Revolução. Em 1933, o posição de neutralidade. Insatisfeito com essa decisão, um grupo de Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, a Frente Negra adotou a grandes responsáveis pela mobilização da entidade.

Formatado: Realce  
Formatado: Realce  
Excluído: um  
Formatado: Realce  
Excluído: infraestrutura  
Formatado: Fonte: Não Negrito

que as "Rosas Negras" foram, além do maior suporte econômico, as época, "eram elas que faziam todo o movimento". Assim, convém ressaltar Negra compunham a maioria da organização. Como atestam os relatos da proibido aos negros. Anônimas na quase totalidade, as mulheres da Frente paulista, muitos no Salão Verde do edifício Martinelli, espaço até então estrutura das festas realizadas. Coube a elas promover bailes na capital Costa, as "Rosas Negras" - como eram chamadas - garantiam toda a infra- por um grupo de mais de 30 mulheres. Sob a liderança de Benedita da Boa parte do suporte financeiro da entidade vinha dos bailes organizados

Formatado: Fonte: Não Negrito  
Excluído: |  
Formatado: Realce  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito

Frente Negra, criou a Associação das Empregadas Domésticas em Santos. Laudelina Campos de Melo, que em 1936, durante o período áureo da tempo o grupo atraía pessoas já envolvidas em outras lutas sociais, como iniciativa que tornou possível a implementação da biblioteca. Ao mesmo professora de música - Antonieta e Gersen Barbosa, responsáveis pela

ainda sob a liderança de José Correia Leite, fundou o Clube Negro de

Excluído: -se

Cultura Social.

Em 1936, na condição partidária de "órgão político e social da raça", a Frente Negra - que, durante seus seis anos de vida, chegou a contar com 60 mil associados em seus quadros - teve suas atividades encerradas pela ditadura de Getúlio Vargas. Numa tentativa de se preservar, o movimento reorganizou-se sob o nome de União Negra Brasileira. Como tal, celebrou em 1938 os 50 anos da Abolição da escravatura. No entanto, a violência do golpe político que encerrara a Frente Negra impediu a sobrevivência da União. Tentando se manter como pólo aglutinador da mobilização racial, não adotou o título de Clube Recreativo Palmares, que, no entanto, não conseguiu assumir o papel articular desempenhado pela antiga agremiação.

A professora Eunice de Paula Cunha destacou-se como importante voz

feminina no período. Sua liderança foi marcada, entre outros fatos, pela denúncia do papel social reservado às jovens negras: o de trabalhadoras domésticas. Em "Apelo às mulheres negras", artigo publicado no *Clarim d'Alvorada*, em 1935, dona Nice denunciava as especificidades do racismo.

Tudo se agita, os espíritos cultos lançam novas idéias com o fim de melhorar a situação mundial. O mundo está inflamado; [...] Só nós negras, caras patricias, exaltamos diante do acontecimento mundial. Quando as lutas se sucedem com o fim de melhorar a vida deste ou daquele povo, é sinal de que os espíritos tomam noção dos seus deveres, e suas boas idéias são aceitas. [...] E nós, patricias, precisamos nos mover, sacudir a indolência que ainda nos domina e nos faz tardias. O cativoiro moral para nós negros ainda perdura. Notemos a fundação desta Escola Luis Gama com o fim de preparar meninas de cor para serviços domésticos. [...] Por esta iniciativa se vê que para os brancos não possuímos outra capacidade, outra utilidade ou outro direito a não ser eternamente os de escravos. [...] Mas isto não sucederá... A

Formatado: Fonte: Não

Negrito

vida de um povo depende da sua juventude. Pois bem, nós, além de jovens, somos mulheres.

Em 1935 foi criado, no Rio de Janeiro, o Movimento Brasileiro contra o Preconceito Racial. Além de entidades e movimentos, também se realizaram congressos que constituíram um espaço de reflexão sobre questões fundamentais para inserção social dos afro-descendentes. Nesse sentido, cabe mais uma vez enfatizar que, no Brasil, as relações raciais e seus rumos mobilizaram diferentes agentes sociais e, num curto espaço de tempo, tornaram-se núcleo de projetos e processos que se organizaram em torno da construção da identidade nacional.

O Nordeste também foi palco para importantes discussões acadêmicas sobre o legado africano. Em 1934, um ano depois de publicar *Casa-grande & senzala*, um dos principais responsáveis pelo lançamento da ideia de uma suposta democracia racial brasileira, o antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, com um grupo de pesquisadores do Serviço de Higiene Mental, organizou em Pernambuco o I Congresso Afro-Brasileiro, que registrou a presença de apenas duas mulheres negras: a jaloixa Albertina Fleury, de quem pouco se sabe, e a quituteira dona Santa, que apresentou receitas e pratos típicos africanos durante o evento.

Em 1937 foi a vez do folclorista Edison Carneiro, ao lado de outros intelectuais, organizar a segunda edição do Congresso, desta vez na cidade de Salvador. Na cerimônia de abertura esteve presente uma grande referência da religiosidade afro-brasileira: Mãe Aninha, do Axé Opô Afonjá, que apresentou um trabalho sobre a influência da culinária transportada da África para a Bahia. A tônica dos dois eventos baseou-se no resgate da herança africana.

Excluído: fundamental para o tratamento

Formatado: Realce

Excluído: das

Formatado: Realce

questões fundamentais para inserção social dos afro-descendentes. Nesse

Excluído: o negro

Formatado: Realce

O Nordeste também foi palco para importantes discussões acadêmicas sobre o legado africano. Em 1934, um ano depois de publicar *Casa-grande*

Excluído: um

Excluído: certa

Formatado: Realce

Formatado: Fonte: Não

Excluído: certa

Formatado: Fonte: Não

Excluído: um

Formatado: Fonte: Não

Excluído: certa

Formatado: Fonte: Não

referência da religiosidade afro-brasileira: Mãe Aninha, do Axé Opô Afonjá,

Formatado: Fonte: Não

Excluído: certa

Formatado: Fonte: Não

Excluído: um

Formatado: Fonte: Não

- Formatado: Realce
- Excluído: e
- Formatado: Realce
- Excluído: Maria de Lurdes Vale do Nascimento, entre outros grupos, o Teatro Experimental do Negro (TEN)
- Excluído: marcada
- Formatado: Realce
- Excluído: de uma

políticas com o Comitê. No Rio de Janeiro, em 1944, foi criado o Teatro Experimental do Negro (TEN) por Abdias do Nascimento. A singularidade do TEN foi revelada pela iniciativa de aliar na prática e na teoria a valorização do negro através do resgate e afirmação da cultura afro-brasileira. Em outras palavras,

um "racismo às avessas", os integrantes da UNE romperam as relações (UNE) em apoiar as reivindicações negras. Sob a justificativa do perigo de libertados, houve uma recusa sistemática da União Nacional dos Estudantes segmentos da esquerda. Entretanto, quando os presos políticos foram lutava em prol da anistia e do retorno à democracia ao lado de outros Associação, entrava em cena o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, que lideranças da Frente Negra e do *Clarim*. Ao mesmo tempo que a ano o "Manifesto em defesa da democracia", assinado por antigas dos interesses das empregadas domésticas. Além disso, lançou no mesmo legislação penal específica contra a discriminação racial e para a proteção jornal *Alvorada*, a entidade reivindicava, entre outros itens, a criação de uma

- Formatado: Realce
- Excluído: (
- Excluído: )

Em 1945 surgiu em São Paulo a Associação do Negro Brasileiro. Com seu Movimento de Educação e Cultura - Mabeq, que atuou ao longo de décadas requisito da "boa aparência" -, a associação seria a base para a criação do domésticas - frequentemente rechaçadas nas entrevistas de emprego pelo Dedicada a examinar os problemas enfrentados pelas empregadas o Estado Novo. Em 1941 foi criada a Associação José do Patrocínio.

- Excluído: típicos
- Excluído: d
- Formatado: Realce
- Formatado: Realce

A mobilização da população negra não esteve totalmente focada durante raciais comuns naquela região. Na cidade de Campinas, em maio de 1938 - ano de fundação da Associação dos Brasileiros de Cor -, as lideranças das entidades negras realizaram o Congresso Afro-Campineiro. Segundo um de seus organizadores, o evento tinha como propósito combater e denunciar o preconceito e a segregação





o negro "como objeto de estudos", ignorando os problemas concretos

originários da discriminação racial.

A Convenção foi dividida em dois momentos - o primeiro em São Paulo, em novembro de 1945, e o segundo no Rio de Janeiro, em 1946 - e contou com participantes oriundos de vários estados brasileiros. Na etapa de São Paulo, o documento final, "Manifesto à nação brasileira", reivindicava que se tornasse "matéria de lei, na forma de crime lesa-pátria, o preconceito de cor e de raça". Além disso, defendia que, fossem, "formado gratuito o ensino em todos os graus, admitidos brasileiros negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais do ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares".

O término da ditadura varguista em outubro de 1945 culminou em diversas manifestações pró-democracia caracterizadas pela grande ebulição das forças políticas. Naquele momento de volta à liberdade, três grandes conferências nacionais contribuíram para aproximar os discursos e as críticas das lideranças negras de diferentes regiões do país. Havia, portanto, uma viva participação dos movimentos negros no momento de redemocratização do Brasil. Nessa época, várias organizações negras atuavam em diversos pontos do território nacional. Em Porto Alegre, a União dos Homens de Cor e o Centro Literário de Estudos Afro-Brasileiros; no Rio de Janeiro, entre outras, o Centro de Cultura Afro-Brasileira e a União dos Homens de Cor, em Niterói; em Minas Gerais, a Turma Auri-Verde e o Grêmio Literário Cruz e Souza; e em São Paulo, o Centro Cultural Luís Gama, a Cruzada Social e Cultural do Preto Brasileiro e a Frente Negra Trabalhista. Além disso, jornais negros como a *Tribuna Negra*, *O Novo Horizonte* e *O Mundo Novo* esboçavam o compromisso com a internacionalização das questões raciais.

Excluído: sejam

Excluído: enquanto não for

Formatado: Realce

Formatado: Realce

Mantendo a tradição iniciada pelos diversos clubes recreativos do início do século, o já mencionado TEN investiu na organização de concursos de beleza negra. Em 1947, o concurso Boneca de Piche sagrou Maria Tereza como vencedora. Além deste, havia também Rainha das Mulatas, que, em 1948, dava a coroa a Mercedes Batista, primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Teatro Municipal.

O I Congresso do Negro Brasileiro, organizado pelo TEN em 1950, no Rio de Janeiro, foi precedido de duas conferências preparatórias (1948 e 1949), com o objetivo de discutir e organizar a programação e os temas a serem abordados. Esse evento, caracterizado pela sinergia entre ativistas e acadêmicos, foi mais um episódio marcante para o movimento negro no Brasil. As mulheres tiveram uma participação destacada, na qual ficou notória a expressiva liderança de Ruth de Souza, entre outras. Uma das conferências apresentadas foi a de Maria de Lurdes Vale Nascimento, ressaltando a necessidade de atentar para os problemas de ordem psicossociais da prostituição.

A advogada Guiomar Ferreira de Barros usaria a tribuna do mesmo evento para fazer uma antiga reivindicação: a defesa da regulamentação da profissão de trabalhadora doméstica. Em sua apresentação, a doutora Guiomar argumentava sobre a importância do repouso semanal remunerado, da aposentadoria, da assistência social e da fixação de horários para a jornada de trabalho daquelas profissionais. Lembrava ainda que a lei de 1941, referente aos direitos das empregadas domésticas, não havia sido regulamentada por ingerência dos padrões. Elza Soares Ribeiro, Mercedes Batista, Nilza Conceição e a médica Maria Manhães também apresentaram suas contribuições nesse espaço.

Em 1949 nasceu no Rio de Janeiro o Grupo dos Novos, uma dissidência do TEN que mais tarde passaria a se chamar Teatro Folclórico Brasileiro.

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Realce

Excluído: is

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Realce

Quando o grupo estreou em Barcelona, em 1953, consolidou seu sucesso internacional e ganhou o nome de Brasileira. Desde então estabeleceu-se na Europa e de tempos em tempos se apresenta no Brasil.

Inseria-se nessa movimentação o Teatro Popular Brasileiro, fundado em 1950, no Rio de Janeiro, pelo poeta, folclorista, teatrólogo e pintor Solano Trindade, pela coreógrafa Margarida Trindade e pelo folclorista Edison Carneiro. Era composto por domésticas, operários, estudantes e comerciários. Tendo viajado por diversas partes do Brasil e da Europa, a organização se destacou por seu forte cunho sócio-político. Suas marcas eram o teatro, a poesia e a música, esta última expressa nos diversos ritmos afro brasileiros: batuques, lundus, caboclinhos, maracatus, capoeiras, congadas e caxambus reunidos nas performances do grupo graças à dedicação da coreógrafa Margarida Trindade que com suas vastas pesquisas e primorosas técnicas de ensaio garantia o sucesso das apresentações.

Ainda na capital da República, na década de 1950, estimulada pela receptividade do público aos espetáculos de dança afro, Mercedes Baptista fundou o Grupo Folclórico. Também conhecido como Balé de Mercedes Baptista, o grupo inaugura uma nova tradição inspirada no modelo de coreografia étnica norte-americano.

Em 1956, surgiu em São Paulo a Associação Cultural do Negro (ACN) e dois anos depois era criado *O Mutirão*, jornal estudantil da associação. No interior desse grupo, Nair Theodora Araújo, integrante do departamento cultural, promovia diversos eventos que proporcionavam o encontro da intelectualidade afro-brasileira. Inspirada em antigas lideranças negras, a ACN deixou como legado seus *Cadernos de Cultura*.

No decorrer das décadas seguintes, os clubes continuaram sendo importantes espaços de sociabilidade para as comunidades negras. No Rio

de Janeiro, após ter sido impedidos de ingressar num famoso reduto carioca de classe média, um grupo de negros decidiu fundar o Renasença Clube como forma de reação ao preconceito racial. Em 1951, ano de sua fundação, mais da metade dos sócios eram mulheres, e um terço delas em diferentes períodos.

de presidente: Janete Paes de Pádua e Martha de Oliveira Braga esta última dessa agrremiação foi marcada também por aquelas que ocuparam o cargo como promotora e mantenedora das atividades do clube paulista. A história Fernandes da Silva, além de ter sido uma das fundadoras, destacou-se negras tiveram papel relevante. A bem sucedida banqueteira Lourdes cordialidade, os afro-brasileiros". Assim como no Renasença, as mulheres Aristocrata Clube, com intuito de "acolher, num clima de família e de Em São Paulo, o dia 6 de março de 1961, testemunhou o surgimento do compunha a diretoria.

Embora o golpe militar de 1964 tenha representado a repressão e o combate aos movimentos sociais, mesmo que na clandestinidade, a mobilização racial continuou. No momento de retomada da democracia, mulheres e homens, ativistas negros, ajudaram a compor o cenário político do país. Na década de 1970, projetos são retomados e novos grupos e associações formados. Na capital paulista a doutora Iracema de Almeida funda o GTPLUN - Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros.

Em 1978, é criado o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, Rebativado no ano seguinte como Movimento Negro Unificado - MNU, primeira organização negra a alcançar abrangência nacional depois da Frente Negra Brasileira. Há quase três décadas o MNU vem escrevendo importantes capítulos na história sociopolítica do país.

- Excluído: ○
- Excluído: , embora
- Excluído: sido marcado pela
- Excluído: não foi suficiente para apagar

16/11/20

Entre tantas iniciativas bem sucedidas do Movimento Negro Unificado, ressaltava-se a mobilização em torno do resgate e celebração da memória do líder quilombola Zumbi dos Palmares, que teve o dia de sua morte, 20 de novembro, transformado em Dia Nacional da Consciência Negra. Essa data já era comemorada, desde 1975, como Dia do Negro pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre. A determinação de diversas lideranças e organizações fez com que, nos últimos anos, o dia 20 de novembro fosse incorporado como feriado no calendário de dezenas de municípios e de alguns estados do Brasil.

Felizes daquelas e daquelas que a partir da década de 1970 tiveram o privilégio de compartilhar publicamente das reflexões de uma mais expressivas e atuantes co-fundadoras do MNU, Lélia González. Figura ímpar e de elevada estatura intelectual. Entre seus legados, deixou o estímulo as ações e aos pensamentos voltados para uma das mais legítimas confluências de forças da sociedade brasileira, o inabalável encontro de gênero e raça.

*Ficou  
para depois*

*Maria  
Mendes*

**Formatado:** Fonte: 12 pt, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: 12 pt

**Excluído:** Em 1978, é criado o Movimento Unificado Contra a

Discriminação Racial. Rebatizado no ano seguinte

como Movimento Negro Unificado, ele deixava seu nome

na história como um marco

representativo da primeira

organização negra de abrangência nacional depois da

Frente Negra Brasileira. Uma importante iniciativa do

Movimento Negro foi a transformação de 20 de

novembro - data da morte de Zumbi dos Palmares - em Dia

Nacional da Consciência Negra como forma de se opor a "falsa

abolição" do 13 de maio. Essa data já era celebrada em Porto

Alegre como Dia do Negro pelo o Grupo Palmares. Atualmente -

demonstrando a força dos movimentos negros - o dia 20 de

novembro foi incorporado como feriado no calendário de dezenas

de municípios e estados do Brasil. De lá pra cá, a

organização, através de suas diversas representações, vem

travando uma série de batalhas em prol da valorização afro-

descendente no âmbito de saúde, educação, trabalho,

religião, gênero e cultura. Embora a participação das

mulheres no interior do Movimento Negro Unificado

ganhasse amplitude cada vez maior, o complexo universo de

suas reivindicações e as limitações das teorias feministas

no que diz respeito à questão racial fez com que emergissem

grupos de discussão e reflexão acerca dos efeitos do racismo e

do sexismo para a população feminina negra. Nesse momento,

cabia destacar a mineira Lélia González, uma das principais

responsáveis pela introdução das discussões sobre gênero e

raça em diferentes espaços públicos.

**Formatado:** Fonte: Não

**Formatado:** Fonte: Não